

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## O auto dos soldados desconhecidos está errado

**Razões da minha afirmação — Como se faz uma biografia — A sotaina e a farda do sr. Teixeira Gomes — O D e o R mais difíceis do orbe — A mentira e os mortos da guerra.**

Começa assim o auto que se levantou na Batalha e foi sepultado com os soldados desconhecidos:

Aos sete dias do mês de abril do ano de mil novecentos e vinte e quatro (1924) da era vulgar e decimo quarto (XIV) da Republica Portuguesa, sendo Presidente da Republica o ex.<sup>mo</sup> dr. Manuel Teixeira Gomes; presidente do conselho de ministros o sr. dr. Alvaro Xavier de Castro; ministro da Guerra o Major sr. Americo Olavo Correia de Azevedo, combatente do C. E. P.; comandante da 7.<sup>a</sup> divisão do exercito, o general sr. Adriano Abilio de Sá, na sala do Capitulo do Mosteiro de Santa Maria da Vitoria da Batalha e sob a presidencia do comandante militar de Leiria, coronel Francisco de Lacerda e Oliveira, comandante do R. I n.º 7 e comandante do C. E. P. representando o ex.<sup>mo</sup> ministro da guerra, reuniram-se os srs. dr. Afonso Verissimo de Azevedo Zuquete, presidente da Comissão Administrativa do Mosteiro da Batalha; Joaquim de Sales Simões Carreira, presidente do Senado Municipal da Batalha; reverendo dr. Joaquim Coelho Pereira, paroco da Batalha; tenente coronel Henrique Satira Lopes Pires Monteiro, comandante do C. E. P., representando a Comissão da Tumulização definitiva do Soldado Desconhecido; dr. João Travassos Mendonça Santos, official do registo civil; tenente coronel José Viçor Franco, segundo comandante do R. I. n.º 7, capitão Henrique Pereira do Val, combatente do C. E. P. e comandante interino do 2.º Grupo de Artilharia n.º 2; Jorge Augusto de Carvalho, administrador do concelho da Batalha; coronel de artilharia reformado Francisco Augusto Moreira Ribeiro; dr. José Maria Pereira Gens, medico, a fim de se proceder ao encerramento dos ataúdes dos heroicos Soldados Desconhecidos no coval destinado ao seu tumulo na referida Sala do Capitulo. Este coval, que tem a forma de um rectangulo, mede 2<sup>m</sup>, 38 de comprimento por 1<sup>m</sup>, 10 de

largura e 1<sup>m</sup>, 05 na sua maior profundidade. Está situado paralelamente á parede norte da Sala e a distancia de 2<sup>m</sup>, 81, ficando os seus lados menores paralelos equidistantes 8<sup>m</sup>, 30 das paredes Leste Oeste . . . etc., etc.

Este auto está errado. O senhor presidente da republica será tudo mas não doutor.

Bem sei que tambem não o eram Camões nem Gil Vicente, que Herculano e Camilo não se formaram — sendo os portuguezes tão amigos do grau — segundo afirmava Junqueiro — mas a verdade deve sobrenadar sobretudo em autos solemnes como aquele em que se embrulha a morte na mentira.

O senhor presidente da Republica, segundo um seu biografo, passou a infancia, contemplando as passas do seu Algarve florido, aprendeu a lêr por cima, debaixo dos figueiraes e seu pae — que era um dos maiores republicanos do paiz — isto não diz o biografo — explicou-o s. ex.<sup>a</sup> a um jornalista francês — mandou-o para o seminario de Coimbra onde declinou verbos latinos.

Ainda, segundo narrou o senhor presidente da republica — e naturalmente pode documentar — o modesto negociante de generos algarvios estava em 1848 assistindo á proclamação da lamartiana republica em França, mas isso não o impediu de pensar serem os seminarios, as escolas onde se ministrava melhor educação.

Não sou eu quem o afirma mas affiança-o o procedimento do grande liberal, tão atreito para a republica, que não podendo ter uma cá em casa, onde por esse tempo, se cantava o hino da *Maria da Fonte*, de má lembrança para os Cabraes, deliberára ir a Paris como o Raposo da *Reliquia* foi a Jerusalem, mas com intenções mais puras. Os rivais no negocio de esparto, tomates, figos, uvas passadas e por passar, afirmaram — roidinhos de inveja — ter sido a viagem daquele prehistorico republicano, destinada a colocar, em Marselha, uma porção de generos para consumo e não por motivos ideais. Não sei, não profundo, não me interessa nem ao auto de que venho tratando, semelhantes dictames do respeitavel autor da existencia do senhor presidente da republica.

Do que a posteridade pode ter a certeza é de que s. ex.<sup>a</sup> não é doutor conforme se diz no documento solene dos soldados desconhecidos.

Sigamos os passos adolescentes de quem teria tão prospera velhice. Vejamo-lo no seminario com sua batina escovadinha lendo desoladamente Virgilio sob as arcadas soturnas, seus olhinhos entristecidos, moços e saudosos das lucilações deslumbrantes do Algarve ardente, quasi marroquino, mas duma beleza paradisiaca; acompanhem-lo nas suas divagações e nas suas aulas, escutemos as repreensões dos professores, talvez o echo das palmatoadas distribuidas em nome da pressa com que se lhe queria encasquetar na cabeça fantasista, anciosa de liberdade de pensar, as regras da gramatica latina. Regras para um livre pensador é o mesmo que uma escada para uma gaivota. Adeja, paira, perde-se nos ares, vaguea sobre as aguas e olha com desdem singular o caminho dos homens. Assim succedeu ao joven estudante que, dentro em pouco, estava em Lisboa e andava com sua farda de caçadores de El-rei. Depois da batina o uniforme de cadete como para se habituar a todos os estudos. Os cadetes que nos tempos absolutistas eram filhos de algo, na democracia real em que nascemos, poderiam ser todos os estudantes do liceu desde que sentassem praça. Do seminarista não restava mais do que uma vaga

revolta contra a Igreja borbulhando duma alma a desabrochar. Viera-lhe das abobodas soturnas, possivelmente de alguma distensão de mão ou do ponteiro professoral. Confusão do dogma com palmatorias e congêneres instrumentos.

Noticiou, então, um jornal que o joven soldado ia passar umas férias a sua casa. De certo se enamorou, gosou a vida, plantou sua arvore — decerto uma figueira — que em seu sentir appareceria como uma autentica arvore da liberdade.

Depois... depois não ha senão o que consta tardiamente, é certo, da sua estreia literaria.

O que se assegura, porém, e até aqui está demonstrado é que sua ex.<sup>a</sup> não é doutor e que o auto — mortalha dos soldados desconhecidos tem o ar duma falsificação.

Poetou, literatejou no Porto com Luís Botelho, viveu debruçado sobre as carteiras do *Primeiro de Janeiro*, e, mal futurando que ainda viria a custar muito caro à Cidade do Trabalho, mergulhava por lá na boemia, na esturdia em que se gastavam doze vintens e se ficava a arrotar a iscas de figado e a tripas de molho de vilão. Eu não sou dêsse tempo, mas o Bruno contava que com doze vintens se comia, se bebia, se pandigava e se amava no Porto da sua epoca, nos meios de pouca monta, já se vê.

Floresceu seu nome — o de s. ex.<sup>a</sup> — entre os literatos do *Martinho* e como já ha dias narrei no *ABC* seus dizeres, propositos, parodiantes gestos iradiquescos e partes concomitantes, não repito este ponto duma biografia, visto querer apenas provar que o sr. presidente da republica não é dr. e que por consequência está errado o auto da Batalha.

Poderia ser que quando viveu em Londres se formasse nalguma das suas Universidades, mas assim como o marquês de Pombal não foi capaz de aprender inglez, apesar de ter estado seis anos no posto que o sr. Teixeira Gomes viria a ocupar seculos depois, do mesmo modo o actual chefe do Estado republicano não se formou nem em Oxford nem em Cambridge, tampouco na capital onde os seus deveres de representante do nosso país não lhe davam tempo senão para formar difíceis planos diplomaticos.

Mentirosamente — de certo, eu pelo menos não afirmo — se tem propalado que s. ex.<sup>a</sup> sabe tratar de cadeira negocios de viveres de sua terra perfumada, mas como não mostraram ainda o diploma dessa cadeira, estou a vêr que nem por esse lado posso arranjar maneira de dar veracidade ao auto do mosteiro.

Não ha forma de arranjar um d e um r para apogear o nome do sr. Teixeira Gomes. Lá o r ainda se podia tirar o do seu apelido ou procurar algum apanhado no difficil latim noutro tempo, nessa caverna torva do seminario, mas o d... onde encontrar um D..., letra tão reaccionaria que até abrevia o Dom?!

Decididamente é preciso tirar daí o sentido, insistindo, porém, em que os pobres soldados desconhecidos, com um auto errado, foram, pela segunda vez, victimas duma mistificação.

A primeira quando os mandaram para a guerra, a segunda quando lhes impingem um doutor tão difficil de aceitar como a legenda de ter sido pela Patria que eles morreram.

## José Domingues, Polignac tripeiro

O Código Penal e os seus admiradores — O ex-padre da Justiça — Porque não se calou uma voz audaciosa — O que eu diria ao sr. José Domingues dos Santos — Os "Fantoques", e o seu libelo

O maior inimigo da liberdade é o adesivo republicano português. Apesar de a apregoar para não destoar nos ouvidos da turba, detesta-a. Razões de várias ordens existem para proceder assim, mas a primeira é a da sua defesa própria e da sua insignificancia. O adesivo — à excepção do sr. Freire de Andrade — é, por via de regra, uma nulidade bipartida: não tem character; não tem intellecto.

Eu, se amanhã descrever da monarquia e não me quizer retirar destas lutas contra um estado ignaro de plutocratas, prefiro o bolchevismo ao republicanismo destes senhores. Ao menos se não passar uma integral e justa rajada de justiça a purificar as almas, a remover os lixos do mundo, saber-se-ha quais as leis em que se vive.

O adesivo, porém, só se cala a cousas praticas. O anarquismo, o catolicismo, o comunismo são ideais; elles tornam-se republicanos, nesta caótica desorganisação, porque tem mais perto as manjedouras.

Os respetos que tributo aos historicos, aos que se bateram pela sua fé, desde que não mergulhassem, depois, na infamia das negociatas, é tão grande quanto o meu desdem pelos outros, pelos que nem tiveram a coragem de se sacrificar por uma razão de espirito e só se tornam atrabiliarios por uma razão de estomago.

Isto vem a proposito do ex-reverendo José Domingues dos Santos, actual ministro da Justiça e monarquico de conjura e desacreditador dos homens do regimen, quando militava nas nossas fileiras. Jámais se disse no parlamento português uma ineptia maior como a que elle proferiu, ha dias, sem haver quem o calasse em nome da mais rudimentar moral. Pela primeira vez perguntei a mim proprio se os meus correligionarios, deputados, tinham desfalecido.

Imagine-se que o titular da Justiça exigia a supressão da lei de imprensa e nenhum jornal reduziu às proporções merecidas esse audacioso de palmo e meio que busca calar as vozes honestas prontas a flagelá-lo e aos seus cumplices.

Ficou-lhe da leitura dos livros sagrados a historia da degolação do

Baptista, cujas palavras sãs perturbavam as devassidões do palacio de Herodes, e que quer parodiar o lance de Salomé.

**«A lei de imprensa é uma lei de excepção com que é preciso acabar, deixando em vigor o Codigo Penal.»**

Pois, insigne mistificador, para isso seria necessario correr os riscos duma revolução.

Embora sinta um grande desgosto com a calada dos jornalistas ante o arrojo do pigmeu, eu, por mim só, me encarregaria de defrontar os juizes; eu clamaria mesmo de dentro das cadeias, que nem sempre estariam fechadas, — e ai do patusco Polignac portuense quando elas se abrissem! Mesmo do carcere, eu diria as razões por que os adesivos de baixa consciencia desejam calar quem os desafia.

É simples e tê-lo-ia proclamado no parlamento, se fôsse deputado. Sinto, que os meus correligionarios emudecessem.

Se existisse o processo que o ministreco ambiciona, não se saberia das transformações da lei do inquilinato em seu proveito e dum colega visto tentar alcançar a maneira de não perderem o direito dos predios em que habitam. Disseram-no os jornais e até os de côr republicana. *A Capital* explicava-se nestes termos:

«Se o facto de o sr. ministro da Justiça sentir directamente os effeitos da exigencia do pagamento em ouro das rendas de casas, obrigou s. ex.<sup>a</sup>, para defesa propria, a defender o povo, certamente que o mandado de despejo provisorio requerido agora contra o sr. dr. Antonio da Fonseca influirá tambem na adopção de medidas contra essa monstruosidade,

Chega-se à conclusão de que é preciso que a procissão passe à porta das grandes individualidades politicas para que o publico aulira, enfim, alguns beneficios.»

Só tem medo da policia os bandidos; só receiam a imprensa os que praticam actos como o que fica referido e outros documentados claramente.

É certo que os senhorios desses ministros propotentes não possuem as qualidades de homens decididos a garantir os seus direitos. A legitimidade da defesa, atravez de tudo, note-se bem, de tudo, é clara, é evidente, é logica.

Os que assaltam na estrada são menos perigosos dos que o fazem no Terreiro do Paço, entrincheirados em pastas de ministros.

Ha pouco, um prócère da republica conseguiu, por meio de abusos, sem provas legais, o divorcio duma senhora com a qual casou; agora, um outro prócère do adesivismo consegue cõter o seu senhorio e o de um amigo, com um decreto. Tanto o marido ultrajado como os proprietarios feridos nos seus direitos vêem passar felizes radiantes e impunes, por essas ruas, os autores das façanhas. Lá que se leve uma mulher sem a menor formula legal, vá; lá que se declarem os donos detentores da propriedade — como ousou o senhor Afonso Costa — passe, porém, com decretos, contra os quais ninguem protestou no parlamento, isso é a formula pilhante dum Baixo Imperio em que mergulhou a republica.

Vivemos nos dias da bandalhocracia. Sentado numa cadeira minis-

terial está o sr. José Domingues dos Santos que quer calar a imprensa para ela não lhe falar nos senhorios delapidados, que se improvisa em honestissimo defensor dos inquilinos, quando quiz apenas defender-se a si proprio e ao seu antigo colega do Comercio.

Porque não se lhe disse isto no parlamento, pedindo a applicação dos artigos da lei para os que abusam do poder em proveito proprio, porque não se foi ainda buscar as razões dêsse projecto de lei pessoal? Porque, porque, porque?

Ah! É que já não se acredita na justiça, depois de se vêr tanta infamia glorificada e dirigindo-a quem é reu, embora à margem do Codigo. Eu, porém, acredito que ela ha de chegar. Neste panfleto arquivam-se varios libelos que servirão para julgar, depois, áqueles que pedem para nós, homens da pena e do ataque, o Codigo Penal.

Nesse dia é preciso escutá-los bem, porque denunciarão os cumplices, como se prova com os precedentes de alguns dêsses individuos. A páginas 240 do meu livro, *Memorias sobre Sidonio Pais*, publiquei o seguinte documento zincografado:

«Ex.<sup>mo</sup> Sr. Promotor dos Autos de Investigação. — Junto envio a V. Ex.<sup>a</sup> os autos de perguntas do capitão Belmiro de infantaria 24 e do 2.<sup>o</sup> Sargento Pimentel que negam a accusação mas que se encontram envolvidos no processo do Porto compromettidos nas declarações do preso José Domingues dos Santos. Saude e Fraternidade. — O commissario geral interino, Antonio Sollari Allegro.»

É o mesmo que pede a supressão da lei da imprensa.  
Que mais terá ele feito que não quiere que se saiba?

## Perfil de João Bonança, candidato à presidencia da republica

Uma grande figura de homem pequeno — Fantasias dum romantico — O que foi a vida do idealista — Do sonho da presidencia à miseria — Declives das ruas e da vida

A ultima vez que vi João Bonança, que acaba de morrer, foi ha um mês. Arrastava os seus 87 anos por esta rua do Alecrim abaixo, minguado, já quasi diafano, como um mendigo. Levava um cesto sujo e velho, atado com cordeis, no qual iam as suas mercas da manhã. As calças enovelavam-se-lhe em tórno das pernas magrissimas e na cabeça, que pensára a *Historia da Lusitania e da Iberia*, encafuava um bonet de pala, ou antes, uma boina esverdinhada, que quasi o mascarava por ser larga em demasia. De quando em quando parava, como um pobre mecanismo arruinado e falido, e logo se punha a caminhar no seu passinho de anão — ele era muito baixinho e mirrado — como quem esperasse uma ajuda para o seu carrêgo. Quasi todas as manhãs o via dêste modo, mas naquela, não sei porquê, detive-me a olhá-lo, mal acreditando ser ele o João Bonança, que conhecera havia 13 anos, de flôr na lapela — rosas ou sardinheiras, mas sempre frescas — assentado á mesa do Suisso a preparar, entre uma duzia de adeptos, a sua candidatura à presidencia da republica.

Contava, então, 74 anos e embalava-se nessa esperança ingenua. É que fôra um dos primeiros combatentes da revolução; vivera no romanticismo dos precursores e conspirára com o marechal Saldanha. Eu tinha curiosidades imensas de escutar da sua bôca velha, capitulos da velha historia que êle vivera. E numa noite, a caminho do Ferragial, detendo-me, de quando em quando, para acompanhar o seu passo miudinho, escutei-lhe a narrativa do 19 de maio, da noite singular em que o marechal se decidira a atacar o paço da Ajuda. Já lá passára quasi meio seculo; e como meu pai fôra um dos soldados humildes que acompanhára o velho duque, atraz duma bôca de fogo, bebia com prazer as palavras escutadas áquele cumplice duma revolução — a ultima *careta do Saldanha* — como lhe ouvira chamar desde a infancia.

Descia gente dos teatros, jorrava luz dos cafés, automoveis luzentes passavam num grande alarme de buzinas e o ancião, parando e falando, movendo-se, quasi saltitando, por vezes, asseverava-me que Saldanha combinára com os conjurados proclamar a republica.

Eles formavam um grupo reduzido e idealista, que sonhava sebastianismos. O autor da *Historia da Lusitania e da Iberia*, que apenas a idealisava nesse tempo, era padre, mas fizera da sua batina uma bucha negra e vangloriosa, que

servia nos canhões que disparava contra o que chamava o atrazo da sociedade. Dedicára-se a questões sociais, mergulhára nos clubs revolucionarios, lançára panfletos e escrevera em varios jornais trechos eruditos, e, com a sua fantasia de algarvio—ele nascera em Lagos, por 1836—, imaginava um povo a rebelar-se, só porque um nucleo de sonhadores preparava a queda duma dinastia.

Saldanha tomára todas as pastas ao cabo dessa travessia nocturna do patio do Geraldês até Ajuda; soubera do arremeço da rainha D. Maria Pia, que exclamára, indignada por aquele marcial aspecto diante do seu palacio: «se eu governasse mandava-o fusilar»; transigira; dobrára-se, ficára num farrapo, apesar de toda a sua gloria, e acabára por aceitar a embaixada pomposa de Londres.

—Um ganhão... um ganhão...—dizia João Bonança, e, quasi ao pé da sua porta, a embiqueirar-se, declarava:

—E olhe que a primeira tentativa republicana foi aquela!

Curtira desilusões e amarguras; atirára fóra as suas vestes eclesiasticas e começára uma vida toda de civismo e de labuta; dedicára-se a trabalhos de pouca monta para os editores, como a *Revista de Conhecimentos Uteis*, e ia sempre lidando na imprensa, colaborando na *Revolução de Setembro*, ao lado de Sampaio, na *Independencia Nacional*, noutras gazetas, combatendo, ferindo, maguando, mal julgando que chegaria a vêr a republica. E no meio da sua pobreza, que era muita, mas o seu grande galardão, jamais deixava de trazer o fatito escovado e as suas flores—rosas ou sardinheiras—na lapela.

Tornára-se, em 1911, um vultosito ainda cheio de vivacidade e soldára à sua personalidade uns elementos estranhos, heterogeneos, vagos, que jogavam nas hipoteses longiquissimas da sua vitoria de candidato à presidencia.

O result do foi o seguinte: Manuel de Arriaga, 121 votos; Bernardino Machado, 86; Duarte Leite, 4; Magalhães Lima, 1; Alves da Veiga, 1; Listas brancas, 4.

Alguns jornais, porém, noticiaram ter sido conferido um voto a Bonança e, ele, sacudidamente, dizia, ante o fracasso:

—«Eu não fui, pois nem sequer era deputado!»

Tinham-se esquecido dele, do combatente do tempo em que a palavra republica arripiava os cabelos, cortavam-lhe cerce as suas illusões, mas o que não lhe roubavam era o bom humor, aquele noctambulismo de miudinho passo, a sua tendencia para as flores rubras na botoeira.

Nunca prescritei do que vivia esse fragil corpito de alma tão intensamente romantica. Talvez da graça de Deus em que ele, despida a batina, já não acreditava. Correram os anos, desgostei-me da sua admiração por Afonso Costa, e só o vi quando vencemos, no 5 de dezembro, uma demagogia infrene, que devorava a nação. Machado Santos era ministro do Interior; ele apareceu com o mesmo fato escovadinho, o seu côco e de flores na botoeira, uma bengalita fininha na mão pequena, a clamar, a crescer, a gritar de seus desenganos. E, naquela tarde, em que eramos noivos da vitoria, João Bonança foi nomeado para uma vaga, julgo que de arquivista, no Congresso. O heroe do dia da Rotunda pagára mal—mas não estava mais em sua mão—o esforço a um dos percursores do novo regimen que implantára.

A minha desdita levou-me para outros trabalhos em que peno; a minha resistencia fez-me recommençar a vida três vezes, e, em relação a Bonança, só o soube visinho do «A B C» quando o vi, ha exactamente um mês, descendo a rua do Alecrim com o seu cabaz das minguadas compras.

Já não arvorava flores na lapela nem tinha fulgor nos olhos pequeninos mas tão brilhantes outrora, olhos de algarvio, nos quais chamejavam lampejos de sol, e, quando o recordei ha dias—ao falarem-me de premios aos escritores—, foi porque me lembrei que todos nós—os idealistas—começamos por trazer rosas ou sardinheiras ao peito e acabamos como mendigos arrastando, pelos declives das ruas e da vida, o nosso cesto roto, com meia duzia de batatas.



## O meu brado do 9 de abril

A natureza contra os decretos — A paisagem  
e o pensamento — O soldadinho e as rezes —  
Palavras que escondem crimes — Os canhões  
malditos

Em 9 de abril — o grande dia, da grande derrota — eu descia de Bicesse para o Estoril quando troaram os canhões a avisar, num paradoxo, ter chegado as 5 horas, indicadoras de dois minutos de calada em memoria dos heroes sepultos na Batalha.

Era numa tarde empardecida; em volta os pinhaes verdejavam em extensões imensas, passavam saloias em seus burricos ajoujados, operarios elevavam a chaminé do predio dum novo rico lá em baixo, sob o ceu acinzentado; recolhiam-se os passaros aos ninhos num chilrear feliz de crias que adivinham a sua hora d'amar e no mar largo passava uma linda barca de velas amplas lembrando outras edades mais felizes. Pela estrada alva, á distancia, como um carrinho de creança, rolava um automovel e de toda a natureza vinha como um protesto a esse silencio para inicio do qual se faziam primeiro explodir berros de polvora.

Se estivesse em Lisboa, teria feito o mesmo que neste quasi descampado? Não se me comunicaria a epidemica calada respeitosa por dois mortos desconhecidos que, possivelmente, acabaram praguejando contra quem os mandara defender territorios que não pertencessem á nação ou que só servem para respastos lautos de altos commissarios sardapalecos? Não sei . . . mas está em mim a certeza de que, embora descoberto e mudo, na minha consciencia se gravaria a frase que não quiz calar nessa estrada branca, ladeada de pinhaes, na volta de Bicesse. Quando a artilharia salvou tirei o chapéu e bradei:

— Abaixo os exploradores da guerra!

Quizera, então, juro-o, que o paiz inteiro, nesses dois minutos discretos me ouvisse; desejava que a minha voz tivesse a magica retumbancia de poder ser escutado por esse reconcavos de serranias, por esses vales imensos, por essas vilas, por essas montanhas, por essas aldeias, por toda a parte donde foram arrancados os homens para a guerra ao qual só aproveitaram os empregarios. Quizera que nem um pinCARO, nem uma cova deixassem de me escutar e que os labutadores dessa hora, nos seus trafegos, fossem advertidos pelo brado conduzido pelos espaços num vento forte de rebelião.

Nas veigas, nas quebradas, nas ruas, nas lezirias, nas oficinas como nas arribanas, nos escritórios como nos navios, eu ambicionava que

se ouvisse esse grito que não foi só meu, não veio só de meu peito pois era o eco longinquo duma tortura enorme.

O soldadinho do fim da península foi á guerra e não ia cantar como nos velhos tempos da aventura; o soldadinho deixou o lar e foi d'olhos baixos para o combate escondendo as lagrimas; o soldadinho, pequeno, tismado com fibra de valente—que é a da raça—partiu sem um sorriso antes tão vestidinho de tristeza que parecia viuvo duma crença. Ele, o soldadinho—compreendia vagamente, «que as reses, no seu instinto, percebem quando as arrancam, as atiram para o carro, as levam as transportam. Que de balidos, que de extranho mugir, que singulares grunhidos soltam os animaes quando adivinham a morte! Não são eguaes ás dos outros dias suas vozes convulsas; desdobram-se em varias gamas parecem soluçadas e nos olhos dos condenados pelicula-se um sigular embaciado que lembra cristalisadas lagrimas.

Tambem era cavernoso o palrar do soldadinho; tambem era nublado o seu olhar.

Assim como, regaladamente, os donos dos rebanhos se quèdam ás partes, bebendo a sob as frescas lotadas, o dinheiro de sua venda; tambem os empregarios desses homens ficaram mordiscando os seus charutos, d'olhos cupidos, por detraz dos balcões junto aos cofres fortes.

O soldadinho não cantava; era o que ficava quem levantava a voz.

Lá do longe a cidade—o grande ventre que provoca todos os crimes—aguarda, cheio de luzes e de festas, de podridões mascaradas—os rebanhos enormes que se apresta para devorar. Que importa a quem a enviou a carne de bifes a sorte de seu gado? Mascaram essas vendas com uma frase: E' negocio! Tambem, lá ao longe, nas terras das neves outros exercitos alegres, na febre de quem defende o que é seu, de quem lida por seus interesses, embora jogando a vida, aguardavam os bisonhos atirados para o seu país sob um rotulo: a Justiça e o Direito.

Sem querer sentia-se nos ares a frase dos marchantes ante essa desfilada soturna de gado humano: é negocio!

Podem vir com a vasta e resonante palavra onde tudo cabe: Patria, que não esqueço as outras; essas retine em que retinta infamia e oiro, quasi sempre ligados balidos nas casas da Moeda do mundo inteiro.

Patria! Sim, eu tambem a amo enternecidamente mas a meu modo como amo Deus sem precisar duma cartilha, silabas dum formulavio, dum rito. Tambem lhe quero como a uma terra da qual não me posso despegar onde fico como uma arvore resistente ás machadadas e que parece reverdecer, embora ferida, estender a seus ramos frondosos, embora apedrejada, sem poder desarrancar-se do solo a não ser como a madeira das florestas antigas, de que se faziam as das pranchas, ou das taboas dos navios, que ainda conduziam consigo a Patria para a gloria dos mares. Porque a amo assim é que desejava que nas serras, nos rios, nos vales, nas aldeias, nos caminhos, se ouvisse aquele grito sincero como foi o meu, na tarde parda, ás 5 horas do dia 9 de Abril.

—Abaixo os exploradores da guerra!

Os passaros chamavam-se para os seus ninhos em suaves trilos, os operarios curvavam-se sobre a chaminé do palacete, passavam os gericos melancolicos com suas cargas, a natureza continuava a sua laboração misteriosa e só o canhão ralhava nessa paz, maldito, como jubiloso a saudar os mortos inglorios, e portugueses, que os seus irmãos estrangeiros liquidaram.

## Em volta de um premio idealizado

Palavras amáveis de um desconhecido — Os meus agradecimentos — O livro português e o Brasil — O que nos espera — As Jolas e a criação

Gentilmente, a *Tarde*, publicava, ha dias, o seguinte:

Ha pouco um dos nossos jornais chamou a atenção para o facto do governo argentino por intermedio da Universidade de Buenos Ayres, distribuir premios ás obras scientificas aparecidas nesse paiz, como incentivo á cultura.

Como, entre nós, o estímulo aos intellectuais é nulo, por assim dtzer, achámos interessante ouvir a opinião dum intellectual português. Escolhemos para isso um membro da «Seara Nova», que, acolhendo francamente o jornalista, muito o elucidou:

—Os scientists e os escritores portugueses—começa por nos afirmar o nosso solícito entrevistado—não encontram facilidades, vara não falar em auxilios, por parte do governo.

«Portugueses ilustres, com publicações notaveis, não teem conseguido sequer que o governo as imprima e divulgue, deixando-as no mais criminoso olvido. Já o disse na «America Latina» e não me canço de o afirmar a quem me procure.

—Mas, então, qual o escritor que o governo devia desde já premiár?—perguntamos interessados.

—O sr. Rocha Martins,

—?

—Sim, meu caro jornalista. esse fogoso escritor devia ser premiado, não só por ter escrito o mais notavel repertorio da historia patria, mas ainda por ser um dos intellectuais que mais trabalham, honrando a literatura nacional.

E, invisivelmente indispos'o, acrescentou:

—As concessões e es favores para sociedades vagãs de filantropia, enchem todo o ano os orçamentos, mas, quando se trata de auxiliar a obra dos escriptores, dos scientists e artistas, a costumada liberalidade transforma-se em avara prudencia.

«Emquanto os outros paises, mórmente a Argentina, incentivam os seus homens de saber e artistas, nós esquecemol-os.

«Não se citam os premios de viagem, fruto dos cursos academicos, obtidos nem sempre por um criterio de justiça, mas pelas notas dos exames, onde triunfam os mais espertos, antes de que os mais preparados... E sobre os jurís da Sociedade Nacional de Belas Artes é preferível não falar nisso...

—Portanto...

—... feita-nos um estímulo aos estudiosos, que nele poderiam encontrar,

muitas vezes, elementos para mais aplicação, quando são enviados para afazeres diversos, a fim de buscar os meios de subsistência.

E a terminar:

—Nisso, como em muitas outras coisas, temos que aprender e imitar... Se nós somos como os macacos!...

A seguir, a *Patria*, interrogava-me ácerca do que me sugerira semelhante distinção dum colega, cujo nome se oculta aos meus agradecimentos, e respondi, francamente, como é meu costume.

As paginas deste panfleto são, ao mesmo tempo, arquivo da vida actual é oficina de fundibulario e por isso quis integrar em seu seio a minha opinião ácerca do que me perguntaram. Aí fica nestes termos, sacudidos e breves, que são os do meu animo:

*Dizia ha dias um escritor ao nosso colega A Tarde que o Estado tem descurado por completo o auxilio aos escritores. Citando os que mais teem produzido, honrando o país, propunha um premio a Rocha Martins o incansavel historiador e vigoroso jornalista.*

Quizemos ouvir sobre o assunto este nosso brilhante camarada que nos disse:

— Nada de premios. Eu entendo que os escritores enquanto podem trabalhar não devem receber nada do Estado. E quando chegarem á situação de invalidez, se realmente tiverem feito uma obra que levante a *Patria* ou seja util á humanidade, devem, então, receber, como reconhecimento do seu esforço, os subsidios que nem todos aceitariam, mas por parte dos seus concidadãos.

— Não concorda, então, com a intromissão do governo nesse caso?

— De forma alguma. Os governos teem uma função muito mais util neste momento sobretudo para os homens de letras que trabalham poderem tirar resultado das suas tarefas que são pagas em gloria, mas que o dinheiro não acompanha. Por exemplo: seria desde já indispensavel permitir-se a saída para o estrangeiro e colonias do livro português com isenção de franquia, devendo-se criar uma taxa especial á exposta pelo jornalista Sá Pereira em dois artigos no *Diario de Lisboa*. Essa taxa formaria um fundo de reserva, para acudir ás necessidades dos escritores que carecessem de auxilio. Teriam, assim, eles, com o seu trabalho, contribuido para, no futuro, não acabarem como o pobre Gomes Leal, o infeliz Silva Pinto e não se arrastarem como o desgraçado João Bonaça.

«Ora estando no governo o intelectual que é o sr. dr. Nuno Simões e sendo o seu jornal que sobre o assunto me entrevista, seria interessante e util que S. Ex.<sup>a</sup> desse vulto a esta ideia, pela qual todos nós ficaríamos reconhecidos.

— E porque se mostra tão renitente a auxilios financeiros?

— E' porque sou de opinião de que os escritores devem manter para todos os governos, sejam eles de que regimen forem, a sua independencia, que é o melhor dote que um verdadeiro homem de letras deve possuir.

«O governo da Republica adquiriu ainda ha pouco, por intermedio do Ministerio dos Extrangeiros. 1000 exemplares do meu livro *A Independencia do Brazil*, sem que eu tivesse solicitado de qualquer forma essa gentileza, pois se o tivesse feito, não poderia mais manter aquela linha inflexivel de critica de que me orgulho.

— A sua aspiração neste momento...

— ... É a de todos 'homens de letras portugueses, relativa ás franquias de correio para as suas obras. Com isto se dariam por satisfeitos todos aqueles que fazem da sua pena um nobre e digno uso, não esperando se não as compensações que o publico lhes traz.

Enquanto um amavel camarada me indicava para um imerecido premio — Meu Deus! como eu seria descomposto se elle não fosse uma

fantasia feita de gentileza! — os meus confrades das letras procuravam uma maneira pratica de reduzir as taxas postais.

A resposta a seus pedidos instantes vem noutro jornal, no *Diario de Noticias*, e diz assim:

*«Avistou-se ontem com o sr, Antonio Maria da Silva a comissão de livreiros, editores e homens de letras eleita para tratar junto da administração dos correios do aumento das taxas postais.*

*O sr. Antonio Maria da Silva, com cuja boa vontade a comissão se mostra muito satisfeita, prometeu reduzir as taxas para o continente e colonias, tendo ficado resolvido nomear-se, para estudar o assunto, um dos membros da comissão e o funcionario superior dos correios, sr. Adalberto Veiga.*

*Quanto ao estrangeiro o sr. Antonio Maria da Silva disse ter que esperar os resultados de uma reunião internacional que se realizará brevemente em Estocolmo.»*

Corroborou estas palavras uma nota officiosa na qual o sr. Antonio Maria da Silva se mostra disposto a aceder os nossos desejos na parte que lhe compete: a redução dos selos do correio para as obras literarias sem comtudo nos facilitar — porque isso é missão de uma conferencia internacional — a possibilidade do facil acesso dos livros portuguezes aos mercados brasileiros.

É alguma cousa mas está longe do necessario. Não posso chamar generosidade nem tampouco considerar proteção à tarefa dos homens de letras semelhante formula mas, tambem, não devo deixar de tomar na devida conta a boa vontade do alto funcionario da republica a nosso respeito.

Eu estou aqui para fazer Justiça, todavia, a que o Estado portuguez faz a nosso favor não evitará a miseria presente daqueles que, após a morte — não falo por mim que serei esquecido rapidamente — servem ainda de titulos gloriosos para os ministros, quasi iletrados, evocarem as glorias do seu país a proposito dos beneficios da republica aos que falecem na faina após um lento suicidio a que os criticos chamam, quando os criticados estão vivos, cousas que dependem das simpatias gosadas e, após o passamento dos criticados, joias de inestimavel preço.

É bom, porém, que em vida se fuja da cravação dessas joias que se metem nas almas de quem as produz como espinhos de corôas supliciantes.

# O genio desconhecido da lapide da Batalha

Critérios de militares sobre a palavra escrita — Quem é o autor da inscrição funebre da Batalha? — Qual é a significação da lapide — Das varias raças e categorias — A consagração do genio das legendas

Quando, no tempo da monarchia, se fez o concurso literario da guerra Peninsular, eu apresentei a *Côrte de Junot em Portugal*, marcando a ferro em braza uma sociedade que ajoelhava diante do invasor. Foi esse livro o ultimo classificado entre os de quatorze concorrentes. Ainda superior a esta obra se considerou uma memoria relativa ás forragens que os cavalos do exercito consumiam. Devolvi o diploma, e quando a republica chegou, Teofilo Braga escreveu um artigo notavel sobre o meu trabalho, ao qual não ligo senão a importancia das palavras do Mestre que me consolaram do julgamento da tropa.

Faziam parte desse juri generais e outras grandes patentes, e esses militares julgaram-me e . . . fuzilaram-me.

Pela sua educação, meio em que vivem, trabalhos e tendencias, os militares — com exceção de uma duzia ou duas em todo o exercito e que geralmente se reformam cedo ou vão para a licença ilimitada — tem mais o culto da força que do espirito, o que, de resto, aprovo com toda a minha admiração. Semelhante conduta é garantia de maiores aptidões para defeza de nós outros: os réles paizanos.

Tambem sempre que se trata de assuntos desta ordem ou condenam os amigos da verdade ou calam as suas razões.

O soldado não quere que se ouça outra voz acima das suas cornetas; o unico barulho que provoca e ama é o do canhão.

Por isso nunca se deve entregar aos briosos officiais estes laboriosos trabalhos da arte, Ora suponha-se que mandavam o sr. Antero de Figueiredo ou o sr. Carlos Malheiro Dias disparar peças de artilharia; cer-

tamente caíam para o lado com o estrondo. Pois aos ilustres militares que aprovaram ou redigiram o epitáfio do soldado desconhecido sucedeu o mesmo. Caíram para o lado exgotados de forças depois de locubrarem a seguinte inscrição sepulcral:

**PORTUGAL**  
**ETERNO NOS MARES**  
**NOS CONTINENTES**  
**E NAS RAÇAS**  
**AO SEU**  
**SOLDADO DESCONHECIDO**  
**MORTO**  
**PELA PATRIA**  
**1924**

Não sei porque razões o nosso país, é eterno nos mares. Tem-se descurado tanto a marinha de guerra, existem tantos navios, liga-se tão pouca importancia à defeza naval, desbaratam-se de tal maneira os transportes marítimos que essa eternidade é muito duvidosa.

Emquanto à perpetuação da nossa patria nos continentes não vejo porque razão se faz semelhante escolha ofendendo gravemente as ilhas. Mal compreendo o esquecimento a que se votaram os ares cuja conquista é hoje o maior padrão da nossa gloria. Parece que este Portugal eterno nos mares não fez as maiores proezas em terra pois não lhe garantem nela a imortalidade.

Toda a epopéa esqueceu desde Nun'Alvares a Mousinho; os guerreiros aparecem apenas sobre as aguas, mas são tão poucos que embora surja grandiosa a sua gloria, não ofusca a dos bravos que conquistaram a terra inicial da patria.

A seguir vem a impressão dum maior destrambelhamento por parte dos comissionados. E' quando afirmam ser a nossa patria eterna nas raças.

Vejamos o que isto pretende significar.

Quiz dizer-se que todas as raças humanas a admiram, a envolvem na sua simpatia ou no seu terror, conhecem sua legenda ou estremecem ante os seus capitães? Se é isto, preciso tirar as illusões aos epitalistas.

Os brancos — sobretudo os chamados ingleses — nem por isso mostram tais sentimentos em muito larga escala; os negros desconhecem, em sua maioria, até o nome de Portugal embora só a nós outros chamem brancos; os amarelos tem dificuldades em garantir semelhantes propositos à nossa conta e os peles vermelhos jamais ouviram tratar da nossa fama apesar de ser tambem muito vermelha actualmente.

A relação da perpetuidade portuguesa, para aquelas raças, fracassa,

como se vê pois, apenas uma delas — a branca inglesa — tem contribuído para mandar para a eternidade, em seu proveito, alguns milhões de compatriotas nossos e enquanto vir o país com sinais de vida não descança.

Mas eles não constituem as raças e aquela frase da lapide é incompreensível ante semelhante interpretação.

Tratar-se-ha — tudo se pode conceber quando os militares julgam obras de pensamento — doutra especie de raças? As dos animais inferiores? Mas, neste caso, a legenda quereria atribuir a Portugal a eterna qualidade de domador de feras, de magnetizador de serpentes, de domesticador de macacos, o que poderia ser muito bom para numero do Coliseu mas péssimo para o tumulo dos herois mandados para o silencio perpetuo, envenenados pelo *cornéd-beef* da nossa aliada e de peitos rotos pelas balas da antiga cúmplice dela na partilha das nossas colonias.

Com que então, «Portugal eterno nos mares, nos continentes e nas raças?!»

Que quererá dizer semelhante dedicatória funebre dum povo ao seu soldado desconhecido? De que cabeça, mais granítica do que a propria pedra onde se gravou a inscrição, teria saído semelhante ideia?

Seria bom saber o nome do seu dono para eternisarmos, tambem, aquele que, substituindo por esta incompreensível patacoada o verso dos *Lusiadas*, que deveria selar a gloriosa sepultura, tem direito a não ficar ignorado.

Costuma-se condenar criminosos de grande jaez á prisão perpetua; não consta, porem, que se applicasse semelhante pena a uma intelligencia da qual saem dezasseis palavras e uns algarismos. Devia fazer-se isto agora em relação ao desconhecido escritor que de tal maneira chancelou o sepulcro do soldado desconhecido. Podia conceder-se-lhe, desde já, a eternidade não digo nos continentes porque levaria muito tempo a percorre-los, não exijo egualmente, que nas raças; Ser-lhe-ia necessario ainda mais tempo para as entender; mas nos mares — oh! meus concidadãos — nos mares, é indispensavel dar-lhe essa eternidade e com a lapide ao pescoço.